

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Rodrigo Diego da Silva

**Salvação pela Fé e Santidade:
Uma Comparação da Doutrina e Prática de
Igrejas Pentecostais e Não-Pentecostais.**

SÃO PAULO

2012

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Rodrigo Diego da Silva

**Salvação pela Fé e Santidade:
Uma Comparação da Doutrina e Prática de
Igrejas Pentecostais e Não-Pentecostais.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final no curso de Integralização
de Créditos – Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Landon Jones.

SÃO PAULO

2012

RESUMO

O presente trabalho é resultado da observação de pregações e discursos doutrinários aplicados em algumas denominações pentecostais, no que diz respeito principalmente à salvação pela fé e santificação. Verifica-se uma discrepância na doutrina e prática destas igrejas pentecostais em relação a igrejas não-pentecostais. Nestes ambientes a mensagem de santificação está sendo utilizada como base para preservar e até mesmo para obter a salvação, o que contrasta com o ensino de reformadores e teólogos que dedicaram suas vidas ao estudo de tais doutrinas. Este trabalho reconstrói parte dos pensamentos destes reformadores e teólogos fazendo uma comparação com a doutrina e prática transmitida pelas igrejas pentecostais.

Palavras-chave: Salvação, santificação, obras, motivação, graça, fé, ativismo ministerial, legalismo, preservação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES	7
1.1 SALVAÇÃO	7
1.2 SANTIDADE	7
1.3 OBRAS	8
1.4 GRAÇA E FÉ	8
2 DOCTRINA E PRÁTICA DA SALVAÇÃO PELA FÉ E SANTIDADE EM IGREJAS HISTÓRICAS	8
2.1 VISÃO LUTERANA	9
2.1.1 <i>Salvação pela Fé</i>	9
2.1.2 <i>Santidade</i>	10
2.2 VISÃO CALVINISTA (REFORMADA)	11
2.2.1 <i>Salvação pela Fé</i>	11
2.2.2 <i>Santidade</i>	12
2.3 VISÃO ARMINIANA	13
2.3.1 <i>Salvação pela Fé</i>	14
2.3.2 <i>Santidade</i>	15
2.4 VISÃO WESLEYANA	16
2.4.1 <i>Salvação pela Fé</i>	16
2.4.2 <i>Santidade</i>	17
3 DOCTRINA E PRÁTICA DA SALVAÇÃO PELA FÉ E SANTIDADE EM IGREJAS PENTECOSTAIS	18
3.1 SANTIDADE DENOTA SALVAÇÃO?	19
3.1.1 <i>Estudo de caso</i>	19
3.1.2 <i>Estou com dúvida da minha salvação</i>	20
3.1.3 <i>O discurso intimidador</i>	21
3.2 A CONFUSÃO ENTRE SANTIDADE E LEGALISMO	23
3.2.1 <i>O peso de não poder ir à igreja</i>	24
3.2.2 <i>O peso do descanso</i>	25
3.2.3 <i>As seqüelas deixadas pelos conflitos doutrinários em ambientes pentecostais</i>	26
3.2.4 <i>Santidade e obras desenvolvidas pelo legalismo e pelo medo</i>	27
4 UMA COMPREENSÃO MADURA E BÍBLICA	28
4.1 PAPEL DA SANTIFICAÇÃO NA SALVAÇÃO	28
4.1.1 <i>Níveis diferentes de santidade</i>	29
4.1.2 <i>A santificação continua por toda vida</i>	30
4.2 SANTIFICAÇÃO: A COMPLEMENTAÇÃO DA SALVAÇÃO PELA FÉ	31
4.2.1 <i>Salvação pela graça mediante a fé</i>	31
4.2.2 <i>Perfeição cristã</i>	33
4.2.3 <i>Santidade e obras desenvolvidas pela graça e pela alegria</i>	34
CONCLUSÃO	37
BIBLIOGRAFIA	39

Introdução

Alguns conflitos que marcaram determinadas épocas da igreja cristã ainda prevalecem. Agora não mais na forma de grandes embates teológicos, mas observados na práxis de algumas comunidades cuja formação teológica é nula ou fraca. Um destes conflitos está presente na associação da Salvação pela Fé com a Santidade, existe salvação sem santidade? A santidade conquista ou preserva a salvação? Qual deve ser a motivação para se buscar uma vida de santificação? No cerne destas perguntas estão alguns conflitos, que precisam ser esclarecidos a luz da Palavra de Deus e ancorados em princípios teológicos e doutrinários igualmente bíblicos.

Estes dois princípios teológicos, Salvação pela Fé e Santidade, fazem parte do dia a dia de qualquer comunidade cristã. Semanalmente pessoas estão sendo salvas, se rendendo a Cristo e iniciando uma vida de santificação. É muito comum que um percentual considerável das pregações e ensinamentos que ocorrem no decorrer do mês nas igrejas discorra sobre a necessidade de manter uma vida devocional diária e ativa, isto com o objetivo de conduzir toda a igreja a um nível de santificação mais elevado, bem como a um aumento da maturidade cristã, tornando o povo mais sensível e atento a Deus, conhecendo-o melhor e conseqüentemente desenvolvendo um auto-conhecimento.

Não existe nada de errado em se buscar uma vida de santificação acentuada, pelo contrário, isto é positivo, bom, e tem seu lugar na vida cristã. Que bom seria se todas as igrejas cristãs se mobilizassem para alcançar um nível de santidade ainda maior, quantas mudanças positivas poderiam surgir no seio da igreja? Quanta transformação haveria na própria sociedade, que observaria um povo santo, que está comprometido a viver o que prega e a pregar o que vive. Grandes avivamentos que conhecemos foram fruto da busca contínua de uma vida de santificação aos pés do Senhor, e como resposta a esta busca o próprio Senhor derramou do seu poder. Nações inteiras foram abaladas quando o povo de Deus se dispôs a buscar uma vida em santidade.

Os benefícios da santificação são conhecidos, qual conflito então? O problema não está na santificação, mas em como a santificação está sendo motivada. O grande risco está em incentivar uma vida de santificação colocando a salvação em risco, como refém da santidade. Este método aponta para o sucesso do próprio crente e lhe dá a possibilidade de com seus próprios méritos preservar ou até mesmo obter a salvação – este é um grave problema. Outro problema, também de grandes proporções, está no trauma psicológico que se instala na vida de algum indivíduo, que por inúmeras razões, não consegue obter sucesso em sua vida de

santidade. Este, por sua vez, ao observar o meio que o cerca passa a ter questionamentos profundos sobre a certeza de sua salvação, uma vez que não conseguiu atingir os “*padrões de santidade*” demonstrados ou exigidos pelo restante do grupo.

Ambientes que utilizam este método de motivação – que coloca a salvação como refém da santidade – para um viver santo são regados pelo julgamento. O parâmetro utilizado para este julgamento são os “*membros exemplares*” que frequentam a igreja todos os dias, trabalham em dois ou mais ministérios e tem uma vida com “*características externas de santidade*” muito acentuadas. Em contrapartida os “*membros não exemplares*” que fazem, ou são, menos do que tudo isso, logo são distinguidos do grupo como pessoas que talvez não sejam “*totalmente salvas*” ou talvez não queiram uma vida de santidade. O cansaço e o esgotamento se instalam na vida destes membros, pois percebem que por mais que façam o se esforcem nunca serão dignos da salvação, por não alcançarem os padrões pré-estabelecidos pelo grupo, invalidando assim a Graça de Deus. Será que somente os medos da lei geram nas pessoas o desejo de buscar a santidade, a Graça recebida mediante a Fé não é suficiente para operar tal bem-feitoria?

1 Conceitos e definições

Para uma boa condução deste assunto definiremos alguns termos que serão utilizados com bastante frequência neste trabalho.

1.1 Salvação

A salvação é com certeza a principal doutrina que nos é ensinada através da Bíblia, constitui-se também como espinha dorsal do cristianismo. A salvação é a aplicação da obra de Cristo na vida do indivíduo. Desta maneira a doutrina da salvação passa a ter importância ímpar, já que diz respeito a mais crucial das necessidades do homem. A salvação tem uma área de atuação ampla e complexa do ensino bíblico e da experiência humana possuindo várias facetas que alguns teólogos costumam chamar de “*Pacote da salvação*” onde cada “*item deste pacote*” será aplicado à vida do salvo em algum momento de sua história: o chamado, a conversão, a regeneração, a união com Cristo, a justificação, a adoção, a santificação, a perseverança e a glorificação. Alguns teólogos, dependendo de sua escola, apresentam a salvação com mais ou menos facetas ou um “*pacote com mais ou menos itens*”, mais em suma comumente usam-se os que aqui foram apresentados, uma salvação completa: “*Fui salvo. Estou sendo salvo. Serei definitivamente salvo*”. (ERICKSON, 1997, p.369)

1.2 Santidade

A santidade é uma das facetas, um item do pacote da salvação. A santidade é um dever e uma responsabilidade de todo salvo, aliás, faz parte do momento em que se diz: “*Estou sendo salvo*”, ou seja, aquele que já foi um dia salvo que depositou sua fé na mensagem redentora de Cristo e nutriu dentro de si uma identificação profunda com a mensagem da cruz de Cristo agora se preocupa em exercitar sua vida na santidade, moldando-se de acordo com a palavra de Deus e com a vida de Cristo que agora está em sua vida. Pode-se então afirmar que todos os que um dia foram salvos iniciaram sua caminhada pela trilha da santidade, alguns conseguem nesta trilha caminhar com maior facilidade, outros por sua vez encontram dificuldades e andam mais devagar, porém todos estão numa mesma trilha, num mesmo caminho, num mesmo barco chamado santidade, que não é um simples “*abrir e fechar de olhos*”, mas um processo contínuo na vida daquele que é salvo.

O arrependimento e a fé resultam na justificação, na salvação; mas o arrependimento e a fé também servem como base para o que é chamado de santificação. A santificação ou santidade é uma obra progressiva de ambos, Deus e o ser humano, e torna os cristãos cada vez mais livres do pecado e cada vez mais semelhantes a Cristo em sua vida prática. Deus e seus filhos

cooperam nessa obra, ambos desempenhando papéis diferentes. (GRUDEM, 2010, p.125)

1.3 Obras

Assim como falamos sobre santidade as “*obras*” também são um dever de todo salvo. Aquele que já foi justificado pela fé, deve agora também exercitar sua fé em obras, ou seja, trabalhando conforme nos ensina Tiago (Tg 2.20). A fé salvífica produz ações à altura. Todo salvo também tem o dever e a responsabilidade de trabalhar para o Reino de Deus, quer no âmbito da própria comunidade, da própria igreja, exercitando seus dons e talentos pra edificação do corpo de Cristo, ou trabalhando com os de fora da comunidade, buscando meios de fazê-los enxergar a necessidade de se entregarem a Cristo ou apenas com o objetivo de suprir alguma necessidade da sociedade em que se vive, como por exemplo, a fome, a educação, o meio-ambiente, o meio político, etc. Exercitar a fé em obras é um privilégio para o salvo, é o sentir-se útil, e ver pessoas sendo abençoadas por meio de sua vida, trata-se do lançar a mão no arado. (HALLEY, 2001, p.691.)

1.4 Graça e Fé

Graça e Fé, companheiras inseparáveis. Encontramos no decorrer de toda a Bíblia lições sobre Graça e Fé, porém em Efésios 2.8 vemos as duas juntas atuando na salvação do indivíduo, alguém escrevendo sobre este versículo disse: “*O grande presente de Deus, a Salvação, trazida de Graça e pela Graça, recebida pelo indivíduo com braços fortes e longos que saem de seu coração – a Fé – para aceitar este lindo presente, a Salvação*”. O Corpo de Cristo está sendo edificado com pecadores indignos como prova da eterna benignidade de Deus. Quando falamos de Graça estamos sempre falando de um ato de Deus em direção aos homens, quando falamos de Fé estamos sempre falando de uma atitude do homem em relação a Deus. Existe uma discussão que não nos cabe entrar neste momento sobre esta “*Fé inicial*” do homem em relação a Deus, se ela é fruto do próprio homem ou fruto de uma atuação de Deus na vida deste, mas inicialmente ficamos com esta breve definição sobre Graça e Fé.

2 Doutrina e Prática da Salvação pela Fé e Santidade em Igrejas Históricas

Apresentaremos adiante como estes dois aspectos, Salvação pela Fé e a Santidade, foram e ainda são abordados em igrejas históricas.

2.1 Visão Luterana

Martinho Lutero nasceu em 1483 em Eisleben (ao leste da Alemanha). Ele estava a caminho de tornar-se advogado quando se viu diante da morte e decidiu tornar-se um monge agostiniano em Erfurt, mais tarde tornou-se professor de teologia em Witten Berg, contudo Lutero tinha muitos conflitos internos, aprendeu desde cedo que para agradar a Deus e merecer a sua graça deveria fazer sempre o seu melhor, este Deus retratado por Lutero era um juiz pesando seus méritos.

Lutero estava num beco sem saída – não podia amar a Deus que o estava condenando, mas até que o amasse não seria aceito. Um verso particular causou dificuldades para Lutero – Romanos 1.17 ‘Nele [o evangelho] a justiça de Deus é revelada. Lutero odiou a Deus por justamente condenar o homem não apenas pela lei, mas também pelo evangelho. Então um dia seus olhos foram abertos e viu o significado de ‘a justiça de Deus’. Não é a justiça pela qual ele nos condena, mas a justiça pela qual ele nos justifica pela fé. O evangelho revela não a condenação e a ira de Deus, mas a sua salvação e justificação. Uma vez que Lutero viu isto ele sentiu como se tivesse nascido de novo e entrado no paraíso. (LANE, 2003, p.190)

Lutero é conhecido especialmente pela sua doutrina da justificação pela fé somente. Mas esta doutrina não figura entre as noventa e cinco teses e não foi à causa original da reforma. Se nós somos justificados ou aceitos por Deus na base da fé somente, sem boas obras, certamente o cristão pode “*viver de forma extravagante*” sem se preocupar com as conseqüências desta forma de viver para sua salvação – Lutero foi acusado de ensinar exatamente isto, mas injustamente. Ao mesmo tempo em que **distinguiu** justificação e santificação, não as **separou**. Ele não imaginava que uma pudesse existir sem a outra. Quando Deus aceita alguém também o transforma.

2.1.1 Salvação pela Fé

A visão luterana iniciada no séc. 16, com a reforma protestante aponta para uma visão mais bíblica para salvação. Ao contrário dos católicos que criaram um sistema de dogmas e sacramentos que podem auxiliar o homem na sua salvação. Na reforma desenvolveram-se os temas: *Sola Gratia*, significando que somente a Graça de Deus é a origem de nossa salvação. Na época da reforma, e mesmo em nossos dias, a tendência humana é a de exaltar a habilidade humana de salvar-se a si mesmo. Os reformadores apontaram que a Bíblia indica sem sombra de dúvidas que somente a Graça de Deus, o favor não merecido da parte dele, origina um meio de salvação. A iniciativa de providenciar um plano é de Deus.¹

No pensamento luterano nunca as duas coisas, fé e obras, andaram juntas soteriologicamente, ou seja, onde uma seja completamente dependente da

¹ PORTELA, Solano, *A Fé que Salva*, In: <http://www.solanoportela.net/artigos/fe-salva.htm>. Acesso em: 11/2012.

outra. Em seu comentário sobre a Carta de Paulo aos Gálatas, Lutero diz que somos “justificados não pela fé proporcionada pelo amor, mas pela fé unicamente e somente”. Segundo ele, a fé não justifica porque produz o fruto do amor a Cristo, mas porque ela recebe o fruto do amor de Cristo. Começamos já a observar algumas nuances divergentes com a doutrina e prática das igrejas pentecostais, neste sentido apresentado por Lutero “o grande esforço, a grande expressão de amor” já partiram de Cristo em direção ao homem. (CAMPOS, 1996, p. 2)

Sola Fide, significando que somente a Fé é o meio pelo qual nos apropriamos da salvação efetivada por Cristo Jesus para o seu povo. Se a iniciativa da salvação é a graça de Deus, a Fé representa a resposta a essa iniciativa. Essa ênfase, extraída da Bíblia, era muito necessária, pois neste período enfatizavam-se as ações humanas como forma de se adquirir a salvação. Vendiam-se indulgências – pedaços de papel que, segundo os vendedores, representavam uma espécie de passaporte para o céu. Quanto mais se contribuía, mais certeza se obtinha, diziam eles, do perdão de pecados – do próprio comprador ou de parentes ou amigos que se desejava beneficiar. Lutero e os demais reformadores, não encontraram qualquer base para esses ensinamentos nas Escrituras. Eles identificaram a Fé como sendo a resposta humana, provocada pelo toque regenerador do Espírito Santo de Deus, no processo de salvação.

2.1.2 Santidade

Sobre a santidade em seu sermão Sobre a Contemplação do Santo Sofrimento de Cristo, pregado na Páscoa de 1519, Lutero afirmou:

Quando, pois, teu coração estiver firmado em Cristo e tiveres te tornado inimigo dos pecados – por amor e não por medo do castigo – então o sofrimento de Cristo também deverá constituir-se em exemplo para toda a sua vida (...) quando fores incomodado por sofrimentos ou por uma doença, reflete quão pouco isto é em comparação com a coroa de espinhos e os pregos de Cristo. Quando tiverdes que fazer ou deixar de fazer algo que te contraria, pensa como Cristo, amarrado e preso, é levado para lá e para cá. Se é atribulado pela soberba, repara o quanto teu Senhor é debochado e desprezado junto com os malfeitores. Se a incastidade e a concupiscência te atacam, lembra-te quão dolorosamente a tenra carne de Cristo foi açoitada, golpeada e ferida. Se ódio, inveja ou sofrimento de vingança de atribulam, pensa com quantas lágrimas e clamores Cristo orou por ti e por todos os seus inimigos, quando teria sido cabível que ele se vingasse. Se tristeza ou outras adversidades afligem teu corpo e teu espírito, fortalece o teu coração e diz: ora, por que eu também não poderia passar por uma pequena tristeza, já que no Getsêmani, meu Senhor suou sangue, de tanto medo e tristeza? Servo indolente e infame seria quem quisesse ficar na cama enquanto seu senhor tem que lutar na agonia da morte. (KAYSER, 2004, p. 255).

Para Lutero só é cristão de fato quem traz o nome de Cristo para dentro de sua vida na forma descrita por Paulo: “*Os que pertencem a Cristo crucificaram sua carne com todas as suas concupiscências, juntamente com Cristo*” (Gl 5.24). **Para Lutero, a vida cristã começa**

de fato na contemplação do sofrimento de Cristo como testemunha suprema da verdade para todos os homens. Embora por um lado rompendo com o catolicismo romano quanto à centralidade da Palavra sobre toda a tradição, concílios e liturgias, estando na verdade tudo condicionado ao testemunho bíblico, por outro lado, o reformador mantém em seu sermão em toda a sua vida e ministério, um tema que é caracteristicamente medieval - a contemplação do sofrimento de Cristo.

Assim, a contemplação do sofrimento de Cristo é antes de tudo a contemplação de nossa consciência pecaminosa que conduziu ao sacrifício de Cristo na Cruz e que revela a essência do amor de Cristo por todos os seres humanos, pois não fosse assim, não haveria a necessidade da expiação e toda a humanidade se degradaria a tal ponto que estariam todos os seres humanos sob total condenação perante a Lei. A cristologia de Lutero e, por conseguinte a sua concepção de santificação não são muito originais, **sendo suficiente para ele saber que Cristo sofreu e morreu por nós e que em vista disso devemos buscar a santidade.**²

2.2 Visão Calvinista (Reformada)

João Calvino nasceu em 1509, na França, estudou nas universidades em Paris, se converteu por volta de 1532, se dedicou ao estudo teológico passando algum tempo em Estrasburgo, e um tempo maior de sua vida em Genebra. Calvino nunca foi bem acolhido pelos críticos, ele próprio escreveu em 1559 que “nunca um homem foi mais criticado, afligido e atacado por calúnia” do que ele. Ele é culpado pela doutrina de predestinação – tão claramente ensinada por Agostinho, pela maioria dos teólogos medievais e por todos os reformadores, é verdade que Calvino realço-a um pouco. Calvino travou alguns embates com a igreja católica, como podemos ver em seu tratado sobre as relíquias:

... Em resumo, se todos os pedaços que pudessem ser encontrados fossem colecionados num monte, eles formariam uma boa carga de navio, embora o evangelho que um simples individuo pode carregá-la... Não contentes de tirar vantagens de rudes e ignorantes, apresentando um pedaço de madeira comum como madeira da cruz, eles tem-na declarado digna, sob todos os aspectos, de adoração. Esta doutrina é completamente diabólica. (LANE, 2003, p.18)

2.2.1 Salvação pela Fé

João Calvino, continuou a reforma protestante defendendo a salvação pela graça. Calvino foi além em sua defesa da salvação pela graça. Ele passou a demonstrar que Deus escolhe (elege) alguns para a salvação através da sua soberania. Calvino também defendeu a salvação pela graça, em oposição à salvação pelas obras, criou outro seguimento teológico,

² A referência em: <http://comunidadewesleyana.blogspot.com> in verbete *As Concepções de Santidade em Lutero, Calvino Spener e Wesley*. Acesso em: 04/2010.

onde a salvação decorre da soberania de Deus, ante a inabilidade do homem em fazer algo para ser salvo.

Para os calvinistas assim como para os luteranos a doutrina da salvação pela fé também é muito significativa. Durante o tempo da reforma a mesma importância a esta doutrina foi dada nos círculos calvinistas. Calvino insistia que esta doutrina é a “principal dobradiça sobre a qual a religião se dependura, de modo que devotemos uma maior atenção a ela” (CAMPOS, 1996, p. 1)

O calvinismo afirma que o Espírito Santo é o único agente na regeneração, a vontade humana não possui nenhuma inclinação à santidade até ser regenerada e não pode decidir-se pela salvação. Dizem que para o homem ser salvo é necessário Deus transmitir poder a alma caída capacitando a pessoa que será salva a receber a oferta da redenção, ou seja, antes da regeneração é necessário o homem ser capacitado espiritualmente a se ligar com Cristo. A capacitação para a graça transforma-se em uma fé viva, onde o pecador se arrepende dos seus pecados e passa a amar a Deus, esta é a salvação pela fé (fé dada por Deus). O calvinismo fundamenta-se principalmente na a soberania divina reforçada com a tese da inabilidade humana.³

2.2.2 Santidade

Em Calvino, o fundamento da santidade não encontra mais os parâmetros medievais da contemplação da crucificação que são vistos ainda de algum modo em Lutero. Para o reformador francês o plano das escrituras para a vida de um cristão é duplo: *primeiro*, que sejamos instruídos na lei para amar a retidão, porque por natureza não estamos inclinados a fazê-lo (não somos inclinados naturalmente a fazer o bem); *segundo*, que aprendamos umas regras simples, mas importantes de modo a não desfalecermos nem nos debilitarmos em nosso caminho. Das muitas recomendações excelentes que as Escrituras fazem, não há nenhuma melhor do que este princípio: “*Sede santos porque eu sou santo*”. (1Pe 1.16). Quando andávamos espalhados como ovelhas sem pastor e perdidos no labirinto do mundo, Cristo nos chamou e nos reuniu para que pudéssemos voltar-nos para Ele. Para Calvino, **apenas por meio da santidade estamos habilitados a vivermos a união mística com Cristo e que só o próprio Cristo nos capacita a estarmos unidos à sua pessoa e segui-lo**. Calvino sempre lembra que a Bíblia tem papel importante nesse princípio, porque ela nos lembra não apenas que Cristo é o caminho, mas também o princípio da santidade. Como diz Calvino: As Escrituras nos mostram Cristo como nosso modelo e exemplo perfeitos. Devemos exibir o caráter de Cristo em nossas vidas, pois o que pode ser mais efetivo para nosso testemunho e

³ CRISPIM, Claudio. *A Regeneração Bíblica Comprada*. In: http://www.ibiblia.net/calvino_arminio.htm. Acesso em: 11/2012

de mais valor para nós mesmos? O Senhor nos tem adotado para que sejamos Seus filhos, sob a condição de que revelemos uma imitação de Cristo que é o mediador da nossa adoção.

O reformador de Genebra fala de imitar a Cristo em termos de uma efetiva vida cristã em que estejamos unidos a Ele pela fé e fazendo a Sua vontade, movidos por meio dessa mesma fé. É bem verdade que o conceito calvinista de santidade, como também o de Lutero, passa pela renúncia, mas essa é decorrência da fé, que condiciona o aperfeiçoamento do crente. Na verdade, para ambos, **é evidente que a renúncia sem o princípio norteador de Cristo é um sacrifício estúpido e vazio, caso contrário será apenas a privação movida pelo mais sórdido egoísmo então pela graça.**

Além disso, ambos dão importância ao papel da Palavra como agente transformador e regenerador. Somente aquele que tem recebido o verdadeiro conhecimento de Deus, por meio da Palavra do Evangelho, pode chegar a ter comunhão com Cristo. A perspectiva da cruz para Calvino é bem diversa também daquela de Lutero. Enquanto Lutero nos convida a observar e a contemplar o sofrimento de Cristo, Calvino nos diz que todo cristão deve se preparar para pegar sua cruz. Todos aqueles que Cristo escolheu devem se preparar para carregar a cruz, isto é, em levar uma vida árdua, se necessário cheia de tribulações e lutas, mas que o cristão deve se regozijar com isso porque é a vontade de nosso Pai celestial que Seus filhos passem por todas essas vicissitudes para assim poder prová-los. **O sacrifício de Cristo na cruz nos lembra de que ninguém que use o nome de cristão está livre de passar por semelhantes pelejas e que devemos nos preparar para elas.** Além disso, ela torna os cristãos obedientes e disciplinados além de possibilitar o arrependimento.

2.3 Visão Arminiana

Jacó Hermandszoon que tomou o nome latino de Arminius. Nasceu antes de 1560 na Holanda. Após uma juventude trágica, na qual sofreu várias privações, foi para as universidades de Leiden e Genebra. Em Genebra estudou sob a direção de Teodoro Beza, sucessor de Calvino, porém com o passar dos anos Arminius começou a desenvolver seus próprios pensamentos teológicos acerca da predestinação, fundamentando-os em 4 decretos de Deus:

1. Ele decretou indicar Jesus como o Cristo como mediador para conquistar a salvação para o homem.
2. Ele decretou aceitar e salvar todos os que se arrependessem e cressem em Jesus Cristo e rejeitar os impenitentes.

3. Ele decretou providenciar os meios necessários para o homem se arrepender e crer.
4. Ele decretou a salvação de certos indivíduos específicos – porque Ele anteviu que eles creriam e perseverariam até o fim.

Deste modo Arminius rejeitou a idéia Agostiniana/Calvinista da eleição incondicional – que Deus escolhe ou ele pessoas para salvação independente de qualquer mérito antevisto neles.

Em seu estado decaído e pecaminoso, o homem não é capaz sozinho e de em si mesmo, nem de pensar ou querer ou fazer aquilo que é realmente bom. Mas é necessário para ele ser regenerado e renovado em seu intelecto, afeições e vontade e em todas as suas faculdades, por Deus em Cristo através do Espírito Santo, que ele seja qualificado retamente para compreender, estimar, considerar, querer e realizar qualquer coisa que seja verdadeiramente boa. (LANE, 2003, p. 24)

As controvérsias entre Arminius e Calvino fizeram surgir os 5 pontos que servem como ataque e defesa para ambas as partes estes pontos ficaram conhecidos como TULIP.

2.3.1 Salvação pela Fé

Os arminianos falam que a queda afetou negativamente todo o indivíduo: fisicamente, espiritualmente, emocionalmente e mentalmente. Uma pessoa caída e depravada não é capaz, à parte de uma obra sobrenatural de Deus, de crer em Cristo para salvação. Mas onde o Calvinismo diz que a primeira obra de Deus sobre os seres humanos caídos deve ser a regeneração (de forma que somente os eleitos podem ser salvos), os arminianos dizem que Deus primeiramente faz uma obra da graça capacitante, anterior à regeneração, que torna possível que uma pessoa não regenerada responda em fé à oferta de salvação em Cristo. Isto torna a fé possível, mas não garante a fé ou produz a regeneração até que a fé é exercida. Esta graça capacitante de Deus, tornando a fé possível aos seres humanos depravados, **pode ser recebida ou rejeitada**. Ele graciosamente opera tanto naqueles que irão crer como naqueles que não irão, para tornar a fé possível, apesar de sua depravação – não apenas para eleitos, mas para todos. Em resposta, alguns crêem e são salvos; outros, que poderiam por meio disso crer, não crêem e se perdem – mas tiveram sua oportunidade. Esta é a salvação por meio da fé: **o Deus soberano e onipotente, que está no controle final de tudo neste universo, livremente decidiu (decretou) proporcionar salvação para todos e então salvar somente alguns que responderem (e perseverarem) em fé.**⁴

⁴ PICIRILLI, Dr. Robert E. *Calvinismo, Arminianismo e a Teologia da Salvação*. Em: <http://www.arminianismo.com/index.php> Acesso em: 11/2012

Os atos desta fé são três. Eles são distintos e, todavia exercitados simultaneamente pelo espírito. *O primeiro* é o assentimento do entendimento à verdade de Deus no Evangelho, especialmente aquela parte que se refere à morte de Cristo como um sacrifício pelo pecado. *O segundo* é o consentimento da vontade e das afeições a este plano de salvação; uma aprovação e escolha dela tal que indique a renúncia de todo outro refúgio. *O terceiro* é que deste assentimento da inteligência esclarecida, e do consentimento da vontade retificada, resulta uma confiança real no Salvador, e na apropriação pessoal de seus méritos. Isto necessariamente é precedido por um verdadeiro arrependimento.⁵

2.3.2 Santidade

Este estado é expresso de modos diversos na Escritura, de modo que não precisamos ater-nos a qualquer frase particular para designá-lo. Ele é chamado santidade, santificação, pureza, perfeição, plenitude de Deus, e de Cristo e do Espírito Santo, e inteira certeza da fé (Almeida). Por estas expressões se entende aquela participação da natureza divina que exclui do coração toda a depravação original e pecado inato, e enche-o de um amor perfeito para com Deus e os homens – amor perfeito, a unção do Santo, e o batismo do Espírito Santo.

A santificação começa quando o princípio de pureza, isto é, **o amor de Deus**, é derramado no coração no novo nascimento. **Porém a santificação completa é aquele ato do Espírito Santo pelo qual a alma justificada é feita santa.** Esta obra instantânea do Santificador é geralmente precedida e seguida de um crescimento gradual em graça. O Espírito certifica esta purificação. É a vinda da presença do Confortador para a consciência do crente trazendo consigo a sua própria luz. Nós não necessitamos de uma lâmpada para ver o nascer do Sol. Suas principais evidências inferenciais são a unificação com Cristo, fácil vitória sobre o pecado, gozo constante, oração sem intermitência e ação de graças em todas as cousas.

A santificação não é a mesma coisa que a justificação. Justificação é a mudança de nosso estado de culpa para o de perdão; santificação é uma mudança da natureza do pecado para a santidade. Ela tem, com a regeneração, a relação do todo para uma parte. Todos têm pecado, e estão sujeitos a pecar. Isto está de acordo com o plano de Jesus, que veio salvar o seu povo dos seus pecados (Mt 1.21), isto é, do poder e da contaminação do pecado, da escravidão do pecado, e se faça servo de Deus, e produza fruto para a santidade.

Todos os crentes que perseveram estão se adiantando para uma santificação completa. Estes tais obterão esta graça antes da morte, porquanto a promessa de vida eterna traz consigo

⁵ BINNEY, Amos. *Compendio de Teologia – A fé Salvadora*. Em: <http://www.arminianismo.com/index.php> . Acesso em: 11/2012.

o penhor da parte de Deus, de conceder toda a graça necessária. **Um erro comum é dizer que pelas obras e não pelo sangue de Cristo aplicado pelo Espírito Santo por meio da fé obtém-se a santidade.**

2.4 Visão Wesleyana

John Wesley nasceu em 1703, sendo seu pai o reitor de Epworth, em Lincolnshire. Contudo, Wesley recebeu maior influência de sua mãe, descendente de ministros puritanos e não-conformistas. Ela foi mãe e professora de dezoito filhos. Quando Wesley tinha apenas 5 anos, a residência do reitor queimou-se completamente em uma noite. John ficou preso no andar de cima e foi resgatado no último minuto de uma janela superior. Isto levou sua mãe a vê-lo como um “um tição tirado do fogo” (Zc 3.2), preservado para uma tarefa especial. Estudou na igreja de Cristo, Oxford, e em 1725 foi ordenado ministro da igreja da Inglaterra. Voltou a Oxford para ser um Adjunto da Faculdade Lincoln, e enquanto estava ali se tornou um dos fundadores do Clube Santo, para aqueles que eram sérios na prática da sua religião. Foram apelidados por seus detratores de “metodistas”. Os rigorosos exercícios espirituais devocionais não traziam paz a Wesley.

Na época de seu retorno a Inglaterra em 1738, Wesley estava ainda mais consciente de sua necessidade espiritual. “Eu fui a América para converter os índios – mas oh! Quem vai me converter!” Mas a libertação estava à mão. Wesley recebeu ajuda adicional dos moravianos, especialmente um Peter Bohler, e as questões atingiram uma situação crítica mais tarde naquele ano.

Ao anoitecer fui muito sem vontade a uma congregação religiosa na Rua Aldesgate, onde alguém estava lendo o prefácio de Lutero, a Epístola de Romanos. Cerca de quinze para as nove, quando ele estava descrevendo a transformação que Deus opera no coração através da fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido. Eu senti que confiava em Cristo, Cristo somente, para a salvação. E uma certeza foi me dada que ele havia tirado meus pecados, os meus mesmo, e me salvado da lei do pecado e da morte. (LANE, 2003, p.61)

2.4.1 Salvação pela Fé

Como o pecador fará expiação pelo menor de seus pecados? Com suas próprias obras? Não, ainda que estas sejam muitas ou santas, não provêm dele, mas senão de Deus. Na verdade, todas são ímpias e pecaminosas, por si mesmas; portanto, todos carecem de uma nova expiação. Só frutos maus nascem de uma árvore corrupta. Como o coração do homem é totalmente corrupto e abominável, ele carece da glória de Deus, daquela gloriosa justiça primitiva expressa na sua alma, segundo a imagem de seu grande Criador. Assim, nada tendo, nem justiça nem obras para reivindicar, sua boca totalmente se cala perante Deus.

A fé por meio de que somos salvos, não é apenas aquela que os apóstolos tinham quando Cristo estava ainda no mundo. Embora crer a ponto de *“deixar tudo e segui-lo”* e quanto tivessem o poder de operar milagres, *“a curar toda a espécie de doenças e enfermidades”*, tinham *“poder e autoridade sobre todos os demônios”* e o que mais foram enviados pelo seu Mestre para *“pregar o Reino de Deus”*. **No entanto, depois de realizadas todas essas proezas, o próprio Senhor deles os chama de “geração incrédula”**. Ele lhes diz que *“não podiam expelir um demônio por causa da sua incredulidade”*. Mais tarde, supondo já terem uma medida da fé, eles lhe pediram: *“aumenta a nossa fé”*. No entanto, ele lhe diz claramente que não possuíam nada dessa fé, nem fé como a de um grão de mostarda. *“Respondeu-lhes o Senhor: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: arranca-te e transplanta-te no amor e ela vos obedecerá”*.

Qual é, então, a fé mediante a qual somos salvos? Podemos responder primeiro, de modo geral, **é a fé em Cristo; Cristo e Deus**. Através de Cristo, são os seus próprios objetos. **Nisso se distingue suficiente e absolutamente da fé de pagãos, quer antigos, quer modernos. Ela se distingue plenamente da fé de um diabo por não ser meramente especulativa e racional**, um frio e morto assentimento, um elenco de idéias na cabeça; é, antes, uma disposição do coração, pois a Escritura declara: *“Com o coração se crê para a justiça”* e *“se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos será salvo”*. (Rm 10)

A fé cristã não é, então, um assentimento a todo o Evangelho de Cristo, **mas antes uma plena confiança no sangue de Cristo**, uma confiança nos méritos de sua vida, morte e ressurreição, um descansar nele como propiciação de nossa vida, como dado por nós e vivendo em nós. É uma segura confiança que alguém tem em Deus e que, através dos méritos de Cristo, seus pecados estão perdoados, e ele está reconciliado ao favor de Deus e, como consequência, uma aproximação dele e um apego a ele, como nossa *“sabedoria, justiça, santificação redenção”* ou, numa palavra, nossa salvação.

2.4.2 Santidade

Wesley tem **o testemunho interior do Espírito como demonstrativo de mudança de vida e reflexo da santidade na mais alta conta**. A vida de fé pessoal, na concepção de Wesley, priorizava tanto a pessoa como a comunidade, uma vez que o efeito transformador da mudança de vida na vida de uma pessoa seria refletido e seguido pelos demais.

Wesley entende o processo de transformação na vida do crente como uma crucificação, pois com a nossa união em Cristo, a velha natureza humana é mortificada,

gradativamente morta, por causa de nossa união com ele. Tornamo-nos semelhantes à sua morte por termos morrido para o pecado.

Assim, a questão da santificação era um tema que para Wesley demandava uma solução imediata e que só poderia ser tratada em termos estritamente práticos (isto é, pastorais). **A santificação precisava dar uma resposta urgente às demandas sociais formadas em decorrência da crise de valores que a industrialização causara na sociedade inglesa.** Wesley concebe a vida cristã como um processo gradativo de evolução que ele compara aos estágios da vida humana, sendo o mais básico deles, aquele momento em que o crente recém-convertido está se alicerçando nos caminhos do Senhor, como que a sua infância. Todo o que é justificado por Cristo está salvo desde que nascido de novo, e, por conseguinte, se encontra livre de todo o pecado. O mínimo que estas palavras podem implicar é que as pessoas a quem elas se referem, isto é, todos os reais cristãos, ou crentes em Cristo, estão libertos do pecado exterior.⁶

Conforme os ensinamentos de Wesley, cristãos podem alcançar um **estado de santidade prática**. Isso significa uma falta de todo pecado voluntário, mediante a capacitação do Espírito Santo em sua vida. Santificação inteira, conforme Wesley, é *"pureza de intenção; toda vida dedicada a Deus"* e *"a mente que estava em Cristo, nos capacita a andar como Cristo andou."* Isso é *"amar a Deus de todo o seu coração, e os outros como você mesmo"*. Isso é uma restauração não apenas para favor, mas também para a imagem de Deus, nosso ser *"encheu-se com a plenitude de Deus"*. Wesley esclareceu que a perfeição cristã, que ele defendia, não implicava em perfeição física ou em uma infalibilidade de julgamento. Para ele, significava que não devemos violar a longanimidade da vontade de Deus, por permanecer em transgressões voluntárias. A perfeição cristã coloca o sujeito sob a tentação, e por isso há a necessidade contínua de oração. Wesley não fala de uma perfeição absoluta, mas de uma perfeição em amor. **Wesley nunca ensinou uma salvação pela perfeição, mas preferiu dizer que *"santidade perfeita é aceitável a Deus somente através de Jesus Cristo."***

3 Doutrina e Prática da Salvação pela Fé e Santidade em Igrejas Pentecostais

Como observado acima em todos os pontos de vista teológicos destacados existe um incentivo para busca de uma vida de santificação, porém em nenhum dos casos observamos um discurso coercivo no sentido de motivar as pessoas a ter uma vida santa mediante o medo,

⁶ A referência em: <http://comunidadewesleyana.blogspot.com> in verbete *As Concepções de Santidade em Lutero, Calvino Spener e Wesley*. Acesso em: 11/2012.

principalmente o medo de perder a salvação. Vejamos a seguir conflitos existentes na pregação moderna em igrejas pentecostais, ou que incorporaram práticas pentecostais, no que diz respeito à salvação pela fé e a santidade.

3.1 Santidade denota salvação?

O método utilizado por alguns pregadores modernos para motivar as pessoas para santificação é o discurso ameaçador. Este discurso tem como base o julgamento da salvação dos demais pelas características “*externas*”, será que uma pessoa com características santas é obrigatoriamente salva? Existe a possibilidade de uma pessoa possuir tais características e não ser salva?

3.1.1 Estudo de caso

Tomemos como base o seguinte estudo de caso, sobre uma mulher que tem sérias dúvidas sobre a sua salvação, estas dúvidas foram construídas fruto de muitas confusões que escutou durante sua vida cristã. Nota-se o esgotamento psicológico em que se encontra.

Caro irmão Cloud. Estou escrevendo para que você me ajude a esclarecer algumas coisas na minha cabeça. Apesar de passados muitos anos, hoje eu tenho extrema dúvida sobre minha salvação. Algo assim tão grande, que isso me enfraquece de vez em quando... Estas dúvidas fazem-me murchar, e tornam-me inútil a meu marido e ao meu bebê... Passo muitos dias chorando e lendo minha Bíblia e implorando a Deus para me ajudar. A questão é que eu fiz muitas profissões de fé. Aproximadamente cinco, e fui batizada biblicamente. Na penúltima profissão que fiz, não fui batizada porque eu não estava certa se Deus já havia me dado garantia de que eu era salva ou se estava sendo salva naquele momento... Eu contatei pessoas para lhes fazer perguntas e elas deram todos os tipos de idéias. **Uma foi: deixar tudo de lado e buscar a Deus para Ele revelar-me se eu estava perdida ou salva. Irmão Cloud, eu amaria fazer isso, mas eu sou mãe e dona-de-casa, e eu simplesmente não posso apartar-me de tudo. Eu posso por as coisas de lado somente por uma hora para buscar a Deus...** Meu pastor prega que se alguém não está absolutamente seguro que é salvo e continua tendo dúvidas, venha para o altar [de “decisões”], e torne seguro que é salvo por ter recebido a salvação. Mas estas pessoas da outra igreja dizem que isso está errado. Isto está me confundindo horivelmente e é por isso que eu estou em dúvida. Meu coração fica pesado e doente todas as manhãs quando eu desperto e me levanto. Você pode me dar uma definição mais clara sobre arrependimento? Eu sei que você diz que muitas igrejas não ensinam mais isto. Como você sabe que você se arrependeu? **Eu ouvi que você precisa estar tão dolorosamente arrependido de seus pecados, que você fica doente e cansado deles. Bem, irmão Cloud, eu estou doente e cansada de meus pecados, mas eu me acho ainda cometendo esses mesmos pecados. O pior é que eu fico transtornada e impaciente com meu marido.** Também, eu li sobre todos estes sinais, de modo a saber se você é salvo. **Agora eu não tenho muito deles, mas eu me lembro de um tempo que eu tive todos eles. Eu ficava entusiasmada em servir a Deus, eu queria salvar o mundo do inferno, eu amava as pessoas de Deus, eu sentia fortemente esses assuntos sobre o que você escreve sempre...** Eu tenho lido minha Bíblia, estudando isto, quando eu posso, e tudo que eu consigo entender é que aquele Deus quer que voltemos às costas aos nossos pecados

e obras mortas e acreditemos nele para nos salvar... **Dizer que você tem que saber 100% que você está perdido parece como se eles estivessem adicionando ao plano de salvação, mas eu, nesse momento não estou segura. Meu pastor diz que se você está tendo dúvidas e não está realmente seguro... Mas estas pessoas dizem que isso está errado. Eles dizem que você precisa saber que você está perdido antes que você jamais possa ficar seguro que você será salvo.** Eu li seu artigo sobre “Salvação pelo Senhorio”, e como você disse que as pessoas tendem a olhar para a sua própria experiência em lugar de olhar para sangue de Cristo como evidência que elas estão salvas, é exatamente o que está acontecendo a mim... E acho que todas as outras “evidências” não estão se revelando em minha vida porque eu estou num ciclo contínuo de duvidar. Como eu posso crescer se eu sempre estou duvidando se sou ou não uma filha de Deus? **Eu também posso ver o dedo de Deus tocando na minha vida, mas as pessoas naquela igreja disseram que Deus ainda guia as pessoas perdidas... Ah, estas pessoas também me disseram que não falasse com outras pessoas sobre minhas dúvidas, porque elas me falarão somente o que eles já têm me falado durante todo esse tempo...** Eu sempre fui ensinada que se eu fosse sincera com Deus - e quis isto em meu coração- eu posso descansar na palavra de Deus. **Mas estas pessoas estão dizendo que eu deveria ter esta paz surpreendente, ou algum tipo de sinal físico que eu sou salva. Assim, o que eu faço?** ⁷ Grifo meu. Retiradas algumas partes de menor importância para o assunto tratado neste TCC.

3.1.2 Estou com dúvida da minha salvação

O caso citado acima é a realidade de muitos cristãos atualmente, é possível que o número de pessoas em dúvida quanto a sua salvação entre os protestantes seja maior do que entre os não-protestantes que também possuem suas dúvidas. Alguns aspectos ficam claros neste caso quanto aos questionamentos internos na vida desta pessoa:

- As dúvidas são tão grandes e constantes que chegam a minar as forças da pessoa em questão, como vimos isto ocorre não apenas com o novo convertido, mas neste caso em específico com uma pessoa que já tem alguns anos de caminhada na igreja;
- O sentimento de inutilidade acomete a pessoa, uma vez que não possui a certeza de sua salvação fica a todo o momento e em todas as atividades que executa pensando nesta dúvida. Já que não há como prever o momento em que de fato entrará na eternidade, características depressivas começam a se instalar, chora constantemente e busca a Deus de todas as formas e até de maneira desordenada;

⁷ CLOUD, David. *Sobre duvidar da salvação e ter conflitos na vida cristã* Em: <http://solascriptura-tt.org/Soteriologiaesantificacao> Acesso em 11/2012.

Em um momento como este é sadio e correto que a pessoa tente buscar ajuda. Neste caso ela buscou a ajuda do grupo em que estava inserida, porém os primeiros resultados foram danosos por três motivos principais:

1. Falta de conhecimento Bíblico e teológico da parte dos aconselhadores;
2. Despreparo para lidar com estes tipos de questionamentos mais profundos, muitos possivelmente nunca tenham se questionado a cerca de tais coisas, talvez não por terem uma certeza firme e inabalável de sua salvação, mas pelo simples fato de ser um assunto que nunca lhes gerou interesse;
3. A tentativa de espiritualizar todas as coisas ou de apontar a busca para certeza da salvação por meio de méritos pessoais, isto também é comum, veremos com mais profundidade no tópico seguinte.

3.1.3 O discurso intimidador.

O discurso intimidador neste caso é aquele que tenta julgar a vida do indivíduo, questionando-lhe inicialmente sobre sua vida de santidade, sobre suas obras, seu “*trabalho para o Reino de Deus*”, e posteriormente associando estes questionamentos a salvação:

“Eu contatei pessoas para lhes fazer perguntas e elas deram todos os tipos de idéias. Uma foi: deixar tudo de lado e buscar a Deus para Ele revelar-me se eu estava perdida ou salva. Irmão Cloud, eu amaria fazer isso, mas eu sou mãe e dona-de-casa, e eu simplesmente não posso apartar-me de tudo. Eu posso por as coisas de lado somente por uma hora para buscar a Deus...”

No trecho acima temos um dos conselheiros incentivando a pessoa a buscar um estilo de vida quase monástico, longe de quaisquer influencias que a fizessem sair de sua comunhão com Deus, vemos que isto é impraticável, pois os afazeres do dia a dia estão aí e precisam ser executados. Além disso, nunca observamos no decorrer de toda a Bíblia o ensino sobre ter uma vida num estilo monástico, o que vemos é o incentivo para busca de momentos a sós com Deus, o que a pessoa em questão já busca fazer reservando uma hora do seu dia para esta finalidade, o que sabemos que já é uma grande vitória, pois muitos não conseguem se quer reservar meia hora do seu dia para uma vida devocional. Vemos neste caso uma sutil espiritualização do conselho, percebemos que a pessoa que fez a pergunta está confusa e busca respostas práticas, pontuais e bíblicas, mas neste caso o conselho dado foi o de buscar a Deus, afim de que Ele venha REVELAR se ela está salva ou perdida, com certeza tal palavra só trouxe mais dúvidas e pesos sobre a vida desta pessoa, pois o conselheiro jogou a responsabilidade mais uma vez para ela, no sentido de que ela busque a Deus e obtenha a revelação – isto se torna um ciclo, é possível que ela busque e busque a Deus incessantemente

e não obtenha REVELAÇÃO nenhuma e volte para conversar com este conselheiro e ele lhe diga que ela ainda não buscou ou não fez o esforço suficiente em direção a Deus – Este discurso é muito familiar, pois corriqueiramente escutamos pessoas frustradas que não são consideradas batizadas no Espírito Santo por não possuírem alguns dons visíveis ou audíveis, e o pior de tudo, julgadas como aquelas que não buscaram ao Senhor com intensidade, mas observamos este método voltado para salvação.

“Meu pastor prega que se alguém não está absolutamente seguro que é salvo e continua tendo dúvidas, venha para o altar [de “decisões”], e torne seguro que é salvo por ter recebido a salvação.”

Temos acima o bom e velho conselho de ir até o “*altar de decisões*”, nenhum problema quanto ao ir até o “*altar*” talvez isto seja até sadio psicologicamente para pessoa que o faz, o problema está quando em reunião após reunião as mesmas pessoas estão no “*altar de decisões*” – o pregador gosta disso, pois afaga o seu ego ver muitas pessoas indo à frente. Mas sempre as mesmas! – não seria mais fácil tratar os problemas caso a caso, não seria mais fácil identificar quais questionamentos internos estão levando sempre às mesmas pessoas até o “*altar de decisões*”, o fato é que muitos também estão fazendo deste “*altar*” um amuleto, um local espiritualizado, uma “*mandigazinha de crente*” um local de “*passé espírita evangélico*”, basta você ir a frente que tudo se resolve (pelo menos por uma semana, na semana seguinte você volta e toma o “*passé novamente*”). A real decisão já está tomada no interior da pessoa, ela quer respostas bíblicas para seus dilemas, a Bíblia é a palavra de Deus, que transforma e esclarece o homem, e não o “*altar de decisões*”. Para tratar o interior das pessoas será necessário tempo, porém nem todos estão dispostos e despendem deste tempo em função das vidas, estão preocupados com números, e quanto mais números no “*altar de decisões*” melhor.

“Eu ouvi que você precisa estar tão dolorosamente arrependido de seus pecados, que você fica doente e cansado deles. Bem, irmão Cloud, eu estou doente e cansada de meus pecados, mas eu me acho ainda cometendo esses mesmos pecados.”

Onde observamos na Bíblia o ensino de que devemos estar tão arrependidos de nossos pecados a ponto de ficarmos doentes e cansados por conta deles? Veja a que ponto chega à confusão que é instalada na vida da pessoa... Mais uma vez aponta-se para o mérito pessoal em direção ao arrependimento e a conseqüente salvação, enquanto esta pessoa não se sentir cansada e doente por conta de seus pecados ela não terá alcançado o ponto exigido pelo conselheiro, e se ela não ficar doente? Então é possível que não tenha se arrependido. As pessoas estão embasando seus julgamentos na ponta do iceberg que está exposta.

“Também, eu li sobre todos estes sinais, de modo a saber se você é salvo. Agora eu não tenho muito deles... Eu tenho lido minha Bíblia, estudando isto, quando eu posso, e tudo que eu consigo entender é que aquele Deus quer que voltemos às costas aos nossos pecados e obras mortas e acreditemos nEle para nos salvar...”

Na literatura também encontramos o incentivo pela busca de sinais como forma de provar ou validar a salvação. É interessante, pois vemos que a pessoa em questão até alcança uma lógica bíblica simples, mas as pessoas ao seu redor, bem como a literatura, complicam as coisas, tirando aquilo que Deus conquistou e nos dá pela Graça e que podemos receber mediante a Fé, Fé somente, e colocando o peso “*merital*” sobre os ombros do indivíduo.

O caso citado é apenas um, porém sabemos que muitos são os conselhos dados no sentido de buscar uma vida em santidade para posteriormente alcançar, manter ou não perder a salvação. Em muitas reuniões alcançar a salvação é algo teoricamente simples, basta levantar a mão no apelo emocional feito com música de fundo no final dos cultos e ir até o “*altar de decisões*”, mas na prática não é bem assim, este é apenas o primeiro passo, após isso entram os dogmas do homem, fazendo com que a certeza do levantar de mãos dure pouco, talvez uma semana, após isso predomina o peso da igreja, o peso do fariseu que acrescenta ao sacrifício de Cristo a necessidade de muitos méritos pessoais.

Não nos assusta o fato de crentes terem dúvida quanto a sua salvação, pelo menos no início de sua conversão. Mas isto é algo que deve ser esclarecido com o estudo bíblico em áreas de ensino da igreja, o sólido alicerce desta questão é que a Salvação não é algo difícil. Jesus quer até mesmo que as crianças venham até ele, é o que lemos em Mt 19.14, Ele até mesmo disse que para alguém ser salvo deve ir até ele como uma pequena criança Mt 18.3. poderia salvação ser difícil se as crianças são convidadas, e se na realidade os adultos tem que se tornar como tais? Salvação é descrita como um presente, não é difícil receber um presente.

3.2 A confusão entre santidade e legalismo

Eu ousou dizer que, em semelhante auditório como este, um número de Arminianos está presente. Temo que, em todas nossas assembléias públicas há também muitos deles. Contudo, talvez até mesmo estas pessoas, idólatras como elas são, possam ser capazes de censurar, e, deveras com justiça, o absurdo daqueles que adoram ídolos de prata e ouro, a obra das mãos dos homens. Porém, permita-me perguntar: Se for tão extremamente absurdo adorar a obra das mãos de outros homens, o que deve ser o adorar as obras de nossas próprias mãos? Talvez, você possa dizer: “Deus não permita que eu faça tal”. Todavia, deixe-me dizer-lhes que essa confiança, segurança, fé, e dependência para a salvação, são todos atos e mui solenes também, de adoração divina: e seja do que for que vocês dependam, seja em totalidade ou em parte, para sua aceitação com Deus, e para sua justificação aos Seus olhos, seja no que for que você se baseie, e confie para o alcance da graça ou

glória; se existir qualquer coisa fora de Deus em Cristo, você é um ídólatra em todos intentos e propósitos.⁸

O autor desta citação compara a confiança, segurança e fé na santidade ou nas próprias obras e méritos a idolatria. Diz que é possível que muitos censurem os ídolos feitos de prata e ouro feitos por mãos de outros homens (imagens), mas que adorem seus próprios ídolos (méritos pessoais). E que é possível que confiem, em totalidade ou em parte, nestes méritos pessoais para justificação aos olhos humanos, para confiança ou para alcançar a graça. Qualquer confiança posta em outro ao invés de Deus em Cristo Jesus é idolatria em todos os intentos e propósitos.

O legalista faz isso, tira o foco de Deus em Cristo desviando-o sutilmente para as obras humanas, transforma a santidade que nasce como consequência da salvação em lei, em atitudes pré-estabelecidas das quais agora a salvação passa a depender. Agora a santificação não é algo natural como fruto da regeneração em Cristo, mas um fardo pesado de ser carregado como fruto da lei dos homens. O ambiente legalista cria processos no “*inconsciente coletivo*” da comunidade para julgar os demais quanto a sua regeneração, santificação e salvação.

3.2.1 O peso de não poder ir à igreja.

O mundo tem pregado um capitalismo desenfreado, fica cada vez mais difícil um dia livre para o descanso e conseqüentemente para Igreja. Como prova disto a multiplicação dos cultos on-line⁹, há algum tempo foi criada uma lei na qual alguns estabelecimentos comerciais são obrigados a abrir aos domingos¹⁰, muitas empresas também tem expedientes aos finais de semana, perdemos a cultura do final de semana, todo dia é dia de trabalho “*tempo é dinheiro*”. Isto sem falar daqueles que trabalham e estudam, ou ainda daqueles que trabalham em turnos alternados, a dificuldade é maior ainda.

Diante destas dificuldades muitos cristãos se vêem privados de cultuar nas reuniões dos finais de semana. Sempre que possível estão presentes, porém nos ambientes legalistas estas pessoas são sempre julgadas em seu retorno como aqueles que estavam desviados, a mensagem do púlpito é dirigida a eles, são os “*bons filhos que retornaram a casa, que estavam mortos, mas ressuscitaram*”. Quem disse que estavam desviados? Quem disse que estavam mortos? É possível que estes, que estiveram impossibilitados de freqüentar à igreja

⁸ TOPLADY, Augustus. *O “deus” do Arminianismo*. Em: <http://solascriptura-tt.org/Soteriologiaesantificacao> Acesso em 11/2012.

⁹ Cultos transmitidos ao vivo via internet.

¹⁰ LEI Nº 11.603, DE 5 DE DEZEMBRO DE 2007. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11603.htm. Acesso em 11/2012.

em algumas reuniões e por alguns finais de semana, tenham buscado muito mais ao Senhor do que aqueles que sempre estiveram presentes (notem isto é um dado intangível), mas são julgados pelos que freqüentaram assiduamente as reuniões.

Sabemos da necessidade de congregar as pessoas para adorar a Deus e ter comunhão umas com as outras. Novamente, agora por meio da ida ao templo, as pessoas são julgadas quanto a sua salvação e permanência no Senhor. Diversas pessoas acabam efetivamente se afastando da igreja por não conseguirem, nunca, alcançar o padrão de freqüência exigido pela comunidade, isto é muito comum, a abordagem ao sujeito que em determinada reunião ou festividade não pode ir na maioria das vezes é a seguinte: *“Sentimos sua falta ontem, você não veio, deixou de ser abençoado”* Quem disse que deixou de ser abençoado? Por que não perguntaram o real motivo de sua ausência? Por que não deram liberdade (sem fazer cara feia) dele dizer: *“por que estava trabalhando ou simplesmente porque não quis, fiquei com minha família!”* Abordagens como estas esgotam e fatigam as pessoas.

3.2.2 O peso do descanso.

“O sétimo dia é um sabbat para o Senhor, teu Deus; nele não farás qualquer trabalho” (Ex 20.10).

Não assumo compromissos para este dia. Atendo as emergências, mas, surpreendentemente, há poucas. Minha esposa se junta a mim na guarda do dia. Fazemos um lanche colocamos na mochila, pegamos nossos binóculos e saímos de carro. Rodamos de quinze minutos à uma hora e pegamos alguma estrada secundária, beirando um rio ou rumo as montanhas. Antes de começarmos nossa caminhada, minha esposa lê um salmo e ora. Depois disso, não conversamos mais, ficamos em silêncio pelas duas ou três horas seguintes, até pararmos para almoçar... não acontecem visões como em Patmos. Um dia para estar sozinho e em silêncio. Não fazer. Estar. A santificação do tempo. (PETERSON, 2000, p.76)

A Bíblia é clara quanto ao seu ensino sobre o dia de descanso, principalmente em companhia da família, porém este é um principio muito negligenciado, muitos se envolvem em rotinas sem fim dentro das igrejas, inclusive profissionalizando aquilo que era para ser um chamado ou uma vocação, vivem de domingo a domingo dentro dos templos, diuturnamente, não separam um dia de folga se quer para descansarem – não falo daqueles que trabalham secularmente e não tem tempo para descansar, este é outro caso – vivem em função reconhecimento da comunidade, que o elogia por quanto mais ele se esgota e se doa para igreja. A igreja não atenta para saúde do individuo, no que diz respeito ao seu físico, psicológico, espiritual e familiar. Estes elogios afagam o ego do *“trabalhador”* o fazendo, de forma voluntária ou involuntária, assumir mais e mais responsabilidades, porém Jesus disse:

“... Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.” (Lc 10.41-42).

O peso do descanso é potencial e real. Potencial do ponto de vista que estes que se envolvem em um ativismo ministerial e quando pensam em tirar dias de descanso sem ir a igreja já se sente pesados e imaginam o julgamento dos demais sobre ele... “o que vão pensar de mim?” este questionamento interno aprisiona, Jesus veio para libertar e não para aprisionar. É também real, pois realmente as pessoas julgam – quando um indivíduo ativista tira dias de descanso, ao retornar muitas vezes é visto como aquele que estava em pecado e que não tem condições espirituais de continuar o trabalho – desta forma observa-se duas atitudes por parte destes, a primeira é a de continuar trabalhando até onde o físico agüentar, até os limites, não se importa com família, com lazer, com nada, vai-se adiante até entrar em situação de estafa ministerial. Ou então abandonam tudo e realmente se desviam, já vimos casos em que alguns caíram da fé, largam ministério, família, trabalho e todo o resto, a lógica é a seguinte “já que eles vão pensar que eu estou desviado, que pensem com razão”. Vê-se o cativeiro psicológico que prende as pessoas que fazem parte destes ambientes legalistas e opressivos.

3.2.3 As seqüelas deixadas pelos conflitos doutrinários em ambientes pentecostais

“A maioria de nós é agostiniana nos púlpitos. Pregamos a soberania do nosso Senhor, a primazia da Graça, a glória de Deus: ‘Porque pela graça sois salvos... não de obras para que ninguém se glorie’ (Ef 2.8-9). Mas, no minuto em que deixamos o púlpito, passamos a ser seguidores de Pelágio. Em reuniões, sessões de planejamento, tentativas obsessivas de atender as expectativas das pessoas, ansiedade de agradar e pressa de cobrir todas as bases, praticamos a teologia que coloca a boa vontade como fundamento da vida e estimula o esforço moral como sendo o elemento básico para se agradar a Deus.” (PETERSON, 2000, p.69)

Dúvidas, conflitos e a falta de segurança permanente são impostos num ambiente opressor que julga os méritos humanos a favor da salvação. É a lógica do “Fazer” ou “Ter” ao invés de “Ser”, é o “fazer” motivado pelo medo e não pelo amor, é o “ter” motivado pelo reconhecimento dos demais ao invés de “ter” como fruto da entrega desprendida de qualquer reconhecimento dos demais ao Senhor. Inúmeros conflitos são deixados na vida das pessoas que fazem parte destes meios ou que são alvos destas pregações, ensinamentos e conselhos desastrosos. A dúvida impera, o medo e as incertezas são constantes, pois ao mesmo tempo em se prega um Deus que é Amor também se prega um Deus da Mão Pesada que te “ferirá

com hemorróidas” caso saia dos trilhos... Que trilhos são estes? Os impostos pelos próprios pregadores ou comunidades que fazem uso deste discurso ameaçador.

Neste sentido estas comunidades dizem ter um povo santo, um povo padrão, mas é uma santidade vazia e idólatra, pois é uma santidade motivada pelo medo, medo de perder a salvação, medo de não ser aceito pela comunidade, medo de não poder ir a igreja, medo até mesmo do descanso. A salvação é mesmo pela Graça? Esta é a pergunta feita por estes indivíduos oprimidos quando são confrontados com um ensino maduro e bíblico sobre a salvação, estavam sempre tão acostumados a confiar em seus méritos próprios (santidade, ministérios, frequência aos cultos) para obtenção e preservação da salvação, também estavam acostumados a motivar seus méritos em função da salvação e da aceitação da comunidade que chegam a desconfiar se de fato a Graça de Deus existe. Isto é triste!

3.2.4 Santidade e obras desenvolvidas pelo legalismo e pelo medo

Conforme observamos não existem benefícios em se buscar uma vida de santidade ou até mesmo realizar boas obras motivadas pelo legalismo e pelo medo. Será que somente os medos da lei geram nas pessoas o desejo de servir e de buscar a santidade? A Graça recebida mediante a Fé não é suficiente para operar tal bem-feitoria? Vemos novamente um ciclo:

- As pessoas se motivam para a busca de uma vida santa mediante o medo e o legalismo. Medos diversos, mas principalmente o medo de perder a sua salvação;
- A salvação da pessoa é mantida com base na confiança de seus méritos próprios, sua busca pela santidade e sua vida em serviço na comunidade da igreja.

Desde primeiros tempos da igreja cristã, havia a tendência de atribuir certo mérito às boas obras, mas a doutrina dos méritos realmente se desenvolveu na Idade Média. Ao tempo da Reforma, ela era muito proeminente na teologia católica romana e foi impelida a ridículos extremos na vida prática. Os Reformadores logo mediram forças com a igreja de Roma sobre este ponto.

A Escritura ensina claramente que as boas obras dos crentes não são meritórias, no sentido próprio da palavra. Estritamente falando, uma obra meritória é uma obra à qual, por causa do seu valor e da sua dignidade, a recompensa é devida justamente, em função da justiça de Deus. Falando de modo livre, porém, uma obra merecedora de aprovação e à qual está ligada uma recompensa (por promessa, acordo ou de outro modo), também às vezes é chamada meritória. Obras deste tipo são dignas de louvor e são recompensadas por Deus. Mas, por mais que seja assim, certamente elas não são meritórias no sentido estrito da palavra.

Elas não fazem de Deus um devedor àquele que as pratica. Pela estrita justiça, as boas obras dos crentes não merecem nada. A Bíblia mostra claramente que os crentes não recebem a herança da salvação por ser esta devida a eles em virtude das suas boas obras, mas unicamente como um dom gratuito de Deus.

Os crentes devem toda a sua vida a Deus e, portanto, não podem ter merecimento de coisa alguma por darem a Deus simplesmente o que lhe é devido, não podem praticar boas obras com suas próprias forças, mas somente com as forças que Deus lhes transmite dia após dia. Em vista disto, eles não podem esperar crédito por essas obras. Mesmo as melhores obras dos crentes continuam sendo imperfeitas nesta vida, e todas as obras juntas representam apenas uma obediência parcial, ao passo que a lei requer obediência perfeita, e nada menos que isso poderá satisfazê-la. Ademais, as boas obras dos crentes estão totalmente fora de proporção em relação à recompensa da glória eterna. Uma obediência temporal e imperfeita nunca pode merecer uma recompensa eterna e perfeita. A Bíblia não ensina que ninguém pode salvar-se sem boas obras. “Ao mesmo tempo, as boas obras decorrem necessariamente da união dos crentes com Cristo. *‘Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto’*. Jo 15.5” (BERKHOF, 1990, p.540)

4 Uma compreensão madura e bíblica

Adiante traçaremos uma compreensão madura e bíblica sobre a correta associação entre santidade-salvação, salvação-santidade e suas motivações.

4.1 Papel da santificação na salvação

Que papel a santificação desempenha na salvação? Quão importante é essa questão? Essa não é uma questão abstrata sobre teologia, mas algo muito prático tanto para o evangelismo como para o ministério. Uma pessoa que não vive como um cristão dedicado pode ir para o céu? Se não, e se dizemos que o viver cristão é necessário para salvação, não estamos contradizendo o ensino bíblico sobre a salvação pela graça e não pelas obras? ¹¹

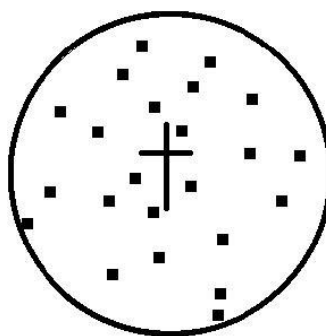
Uma mudança moral definida ocorre em nossa vida no momento da regeneração, uma vez nascidos de novo não podemos continuar pecando como um hábito ou como um padrão de vida, porque o poder da nova vida espiritual em nós impede-nos de render-nos a uma vida de pecados. Essa mudança moral é o primeiro estágio da santificação, neste sentido há uma coincidência entre a regeneração e a santificação, porque esta mudança moral é realmente uma parte da regeneração. Mas quando a vemos da perspectiva da mudança moral interior, podemos considerá-la o primeiro estágio da santificação.

¹¹ WHITNEY, Don. *Que papel a santificação desempenha na salvação?*. In: <http://www.monergismo.com> Acesso em 11/2012.

Esse passo inicial da santificação envolve uma ruptura definitiva com o poder preponderante do pecado do pecado, bem como o amor ao pecado, para que o crente não mais seja regido nem dominado por ele e não mais ame o pecado.

4.1.1 Níveis diferentes de santidade

A representação gráfica inserida abaixo nos mostra ao centro a Cruz de Cristo em um círculo que é denominado “*Circulo da Salvação*”, neste círculo temos os pequenos pontos que são os indivíduos salvos. Existem pessoas salvas que estão na periferia, ou seja, nas bordas do círculo e outros que já estão mais perto da Cruz de Cristo, com isso representa-se níveis diferentes de santidade, existem pessoas que estão na frente em sua caminhada na santificação e outras que ainda não obtiveram muito sucesso, mas todas estão salvas, inseridas no mesmo círculo da salvação.



(Figura 1 – “Circulo de Sntificação”)

Assim vemos uma santificação inicial obtida com a salvação. Jonathan Edwards disse o seguinte sobre o desejo inevitável dos cristãos por santificação: “*O recém-nascido espiritualmente, por sua própria natureza, deseja crescer em santidade, assim como a natureza de um recém nascido o faz desejar o seio de sua mãe.*” A santificação é cumprida de maneira ultima somente na glorificação. Em certo sentido podemos dizer que santificação não tem nada a ver com regeneração ou justificação, e, todavia, tem tudo a ver com demonstrar que a pessoa já experimentou essas duas bênçãos. A santificação sozinha não salva, mas não há salvação que comece a existir sem trazer consigo uma santidade inicial, uma ruptura com a vida de pecado. A experiência de salvação começa com a regeneração e justificação, continua com a santificação e é cumprida na glorificação.

Para examinar melhor a natureza da santificação, é útil contrastá-la com a justificação. Há algumas diferenças significativas. Uma, diz respeito à duração. A justificação é uma ocorrência instantânea, completa em um instante, enquanto a santificação é um processo que exige toda uma vida para se completar. **Também existe uma diferença quantitativa. A pessoa ou é justificada ou não, enquanto é possível ser mais ou menos santificado. Ou seja, há graus de santificação, mas não de justificação.** A justificação, é uma questão forense ou declarativa, enquanto a santificação é

uma transformação real do caráter e da condição da pessoa.(ERICKSON, 1997, p.418)

Desta forma se alguém não tem obtido sucesso em sua vida de santificação, está na borda do círculo, talvez seja falta de instrução bíblica quanto ao experimentar e desenvolver sua salvação em santidade. Falta de discipulado e incentivo de ir adiante, cada vez mais perto da Cruz de Cristo, motivados pelo amor e pela alegria da salvação em Cristo. Atentemos ao fato de que a mais fraca fé serve de meio para uma justificação perfeita, já o grau de santificação é proporcional ao vigor da fé cristã e à persistência com que se apega a Cristo.

4.1.2 A santificação continua por toda vida

A salvação é algo profundo, mas não é o fim da obra especial de Deus na vida do crente. O grande objetivo é restaurar em seus filhos a sua imagem, como era a intenção original, assim, tendo iniciado essa obra de transformação, ele continua e a completa. A santificação é a obra continua de Deus na vida do crente, tornando-o realmente santo. Por “santo” estende-se aqui “*produtor de uma verdadeira semelhança com Deus*”, no processo de santificação o homem e Deus cooperam, cada um desempenhando papéis distintos, esta é a obra progressiva da parte de Deus e do homem que nos torna cada vez mais livres do pecado e semelhantes a Cristo na vida presente.

A atuação divina em prol do crente, no que diz respeito à santificação, é sempre progressiva. Este fato é visto, por exemplo, na certeza que Paulo demonstra que Deus continuará trabalhando na vida dos filipenses: “*Estou plenamente certo de que aquele que começou a boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus*” (Fp 1.6). Paulo também observa que a cruz é o poder de Deus “*para nós, que estamos sendo salvos*” (1Co 1.18). A forma do verbo grego transmite claramente a idéia de uma atividade em andamento.

Ainda aos coríntios continua dizendo: “*Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor*” (2Co 3.18). Gradualmente nos tornamos mais semelhantes a Cristo, conforme avançamos na vida cristã. Paulo também orienta os colossenses a não mentirem uns aos outros, visto que “*eles se revestiram do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou*” (Cl 3.10), mostrando assim que a santificação certamente envolve aumentar a semelhança de Deus em nossos pensamentos, palavras e ações. A expectativa de todos os autores do Novo Testamento é que nossa santificação aumente no curso de nossa vida cristã. Assim observamos os seguintes passos:

1. Escravos do pecado antes da conversão;

2. Salvação pela fé;
3. Santificação que deve aumentar no curso da vida cristã;
4. Santificação que é aperfeiçoada na morte. Sendo este o auge da santificação, quando recebemos o corpo da ressurreição.

A santificação é sempre unidirecional nesta vida, avança sempre rumo à glorificação, porém às vezes avançamos e outras vezes regredimos na intensidade com que buscamos um viver santo, como no gráfico proposto em nos achegarmos mais perto da Cruz de Cristo, mas nem por isso deixamos de ser salvos.

4.2 Santificação: a complementação da salvação pela fé

Um embasamento teológico é necessário para compreender com maior profundidade estes pilares da fé cristã.

4.2.1 Salvação pela graça mediante a fé

A característica distintiva da verdade do Evangelho de Cristo é a graça, o favor imerecido de Deus para conosco. Em contraste a religião mundana é um sistema de leis, regulamentos e obras. Isso é facilmente entendido e aceito pelo mundo, que pensa que devem fazer algo para merecer sua salvação e aceitação por Deus. Nossa tendência natural é colocar-nos no centro, pensando que somos capazes de ao menos contribuir para a nossa salvação.

Todavia pelos nossos méritos nunca mereceremos esta *“tão grande salvação”*. Ela nos vem como um dom gratuito: *“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie”* (Ef. 2.8-9). O dom gratuito da salvação é explicado adicionalmente na epístola de Paulo aos Romanos: *“Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos [a pecaminosidade imputada de Adão], muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos. O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação. Se pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.”* (Rm. 5.15-17). A salvação é um dom gratuito, não poderíamos adquiri-la através de obras ou mérito da nossa parte. Somos justificados, significando que somos feitos justos em nosso relacionamento com Deus, ele não mais olha para o nosso pecado, através da justiça de Cristo que é aplicada em nós mediante a nossa fé. À medida que Paulo fornece uma lista de pecados

aos quais nós como crentes fomos uma vez escravos antes de crermos, ele contrasta isso com a obra da graça de Deus em nós agora.

“Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.” (Tt 3.4-7).

Embora estivéssemos separados de Deus pelo nosso pecado, ele iniciou um relacionamento conosco. *“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Rm. 5:8). Tendemos a olhar para nós mesmos a fim de descobrir o motivo pelo qual Deus deveria nos amar. Ele não nos vê resplandecentes em nossas boas obras. O que Deus vê é uma vida cheia de culpa, rebelião, egoísmo, idolatria e vergonha, a menos que sejamos vestidos pela justiça de Cristo. *“Assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade”* (Ef. 1.4-5). *“Que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos, e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus...”* (2Tm 1.9-10). A salvação é totalmente a obra de Deus (Sl 3.8; Jn 2.9; Ap 19.1).

A fé é algo que somos instados a usar diligentemente ao buscá-lo. *“De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam”* (Hb. 11.6). Aproximamos de Deus e o encontramos através de Jesus, que é o caminho e é quem nos mostra o Pai (Jo 14.6-11). A recompensa última da nossa fé é receber a vida eterna agora e, entrando no céu mediante a morte física, permaneceremos na presença de Deus.¹²

Grudem também indica uma tabela interessante sobre as diferenças entre justificação e santificação, como vemos abaixo:

<i>Justificação</i>	<i>Santificação</i>
Posição legal	Condição interna

¹² MCDOWELL, Bruce. *Salvação pela graça mediante a fé*. In <http://www.monergismo.com> Acesso em: 11/2012.

De uma vez por todas	Continua por toda vida
Obra inteiramente de Deus	Nós cooperamos
Perfeita nesta vida	Não perfeita nesta vida
A mesma em todos os cristãos	Maior em alguns do que em outros

(Tabela 1 – GRUDEM, 1999, p622.)

Na aliança da graça a justificação precede à santificação e lhe é básica. Na aliança das obras a ordem da justiça e da santidade é precisamente o inverso. Adão foi criado com uma santa disposição e inclinação para servir a Deus, mas, com base nesta santidade, ele tinha que se sair bem na prática da justiça para ter direito à vida eterna. O próprio fato de que a santidade se baseia na justificação, onde a livre graça de Deus sobressai com a máxima proeminência, **exclui a idéia de que alguma vez possamos merecer alguma coisa na santificação**. A justificação não efetua mudança em nosso ser interior e, portanto, necessita da santificação como seu complemento. Não basta que o pecador tenha a posição de justo diante de Deus; é preciso também que ele seja santo em sua vida interior. **E, exatamente como o homem continua sendo pecador depois da justificação, assim continua sendo pecador na santificação; mesmo as suas melhores ações continuam sendo pecado, por isso a motivação para santidade continua sendo a graça de Deus**. A consciência do fato de que a santificação se baseia na justificação e de que é impossível sobre qualquer outra base, e de que o constante exercício da fé é necessário para haver avanço no caminho da santidade, nos protegerá de toda justiça própria em nossa luta para progredir na vida piedosa e na santidade em nosso viver.

4.2.2 Perfeição cristã

O processo de santificação pode ser completado durante a vida terrena do crente? Algum dia, efetivamente, deixamos de pecar? Existem opiniões bem diferentes quanto a isto. Os que respondem a pergunta de forma afirmativa, os perfeccionistas – dentre eles John Wesley que cria na perfeição em vida – sustentam que é possível chegar a um estado em que o crente não peca e que, aliás, alguns cristãos de fato chegam a esse ponto. Isso não significa que a pessoa não possa pecar (potencialmente ela pode), mas que de fato não peca (realmente não peca). Também não significa que os meios de graça ou o Espírito Santo deixem de ser necessários, que deixe de haver tentações ou lutas contra a tendência inata para o mal, ou que já não haja lugar para um crescimento espiritual.

Existem vários textos bíblicos que sustentam a opinião favorável a perfeição cristã, tais como, Mt 5.48 “*Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste*”. E também 1Ts

5.23, Ef 4.13, Hb 13.20-21. Esses versículos realmente parecem oferecer provas suficientes de que a santidade total é uma possibilidade para todos os que crêem, e uma realidade para alguns.

Também existem os que sustentam que a perfeição cristã é um ideal que nunca será atingido nesta vida. Estes sustentam que, por mais que desejemos nos libertar totalmente do pecado e por mais que lutemos para que isso aconteça, a vida sem pecado não é um alvo realista para esta vida. Estes indicam algumas passagens apontando que não podemos escapar do pecado, como, 1Jo 1.8-10 *“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos...”* o fato desta passagem ter sido escrita para crentes deixa ainda mais irrefutável a afirmação de que há pecado em todos nós. Outra passagem a que os não-perfeccionistas utilizam com muita frequência é Romanos 7, em que Paulo descreve sua própria experiência, essa passagem parece um testemunho vivo e forte de que o crente não está livre do pecado, estas palavras vindas de um dos cristãos mais proeminentes de todos os tempos nos mostra que a perfeição não pode ser experimentada nesta vida.

O padrão correto a ser buscado é a libertação total do pecado. As passagens bíblicas que nos incentivam a alcançar tal alvo são por demais numerosas para serem ignoradas. Talvez a conclusão seja que embora a libertação completa do pecado e a vitória sobre ele deva ser o padrão almejado e seja teoricamente possível, é duvidoso que algum crente atinja esse alvo em vida.

4.2.3 Santidade e obras desenvolvidas pela graça e pela alegria.

A santificação é obra do Deus triúno, mas é atribuída mais particularmente ao Espírito Santo na Escritura, Rm 8.11; 15.16; 1Pe 1.2. **É particularmente importante em nossos dias, salientar o fato de que Deus, e não o homem é o autor da santificação. Especialmente em vista do ativismo, que é um traço tão característico da vida religiosa, e que glorifica a obra do homem, e não a graça de Deus.** É necessário acentuar muitas vezes que a santificação é fruto da justificação, e que ambas são frutos da graça de Deus na redenção dos pecadores. Conquanto o homem tenha o privilégio de cooperar com o Espírito de Deus, só pode fazê-lo em virtude das forças que o próprio Espírito lhe comunica dia após dia. O desenvolvimento espiritual do homem não é uma realização humana, mas é obra da graça divina. O homem não merece crédito algum pela sua contribuição. A obra realizada na vida consciente dos crentes em direção a santificação é feita por diversos meios, que o Espírito Santo emprega, tais como:

- **A PALAVRA DE DEUS.** O principal meio usado pelo Espírito Santo é a Palavra de Deus. A verdade em si mesma certamente não tem eficiência

adequada para santificar o crente, mas é naturalmente adaptada para ser o meio de santificação empregado pelo Espírito Santo. A Escritura apresenta todas as condições objetivas para exercícios e atos santos. Ela é útil para estimular a atividade espiritual apresentando motivos e incentivos, e nos dá direção para essa atividade por meio de proibições, exortações e exemplos;

- **DIREÇÃO PROVIDENCIAL.** As providências de Deus, quer favoráveis quer adversas, muitas vezes são poderosos meios de santificação. Em conexo com a operação do Espírito Santo mediante a Palavra, elas agem em nossos afetos naturais e, assim, freqüentemente aprofundam a impressão da verdade religiosa e a acionam vigorosamente. Devemos ter em mente que a luz da revelação de Deus é necessária para a interpretação das Suas orientações providenciais, Sl 119.71; Rm 2.4; Hb 12.10.
- **NECESSIDADE DAS BOAS OBRAS.** Não pode haver dúvida quanto à necessidade das boas obras, corretamente entendida. **Não as podemos considerar como necessárias para merecimento da salvação, nem como meio pelos quais segurar a salvação, nem ainda como o único caminho pelo qual seguir rumo à glória eterna,** pois como foi dito as crianças dão entrada à salvação sem terem praticado nenhuma boa obra.

Como padrão para a nossa vida moral, a lei é uma transcrição da santidade de Deus e, portanto, em certo ponto, tem validade para o crente também, apesar de que a sua atitude para com a lei passou por uma transformação radical. Ele recebeu o Espírito de Deus, que é o espírito de obediência, de sorte que, sem nenhum constrangimento, ele obedece voluntariamente à lei. Cristo nos livra:

- Da lei como um sistema de maldição e penalidade; isto Ele faz levando sobre Si a maldição e a penalidade;
- Da lei com as suas exigências como método de salvação; isto Ele faz tornando nossos a Sua obediência e os Seus méritos;
- Da lei como compulsão externa e alheia; isto Ele faz dando-nos o Espírito de obediência e de filiação, pelo qual a lei é realizada progressivamente dentro em nós.

A santificação é obra do Espírito Santo. Em Gálatas 5 Paulo fala da vida no Espírito: *“andai no Espírito e jamais satisfareis a concupiscência da carne”* (v. 16). *“Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito”* (v. 25). Ele também alista um grupo de qualidades a

que designa coletivamente “*o fruto do Espírito*” – “*amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio*” (v. 22,23). Embora a santificação ou santidade estejam plenamente apenas em Deus, o crente é constantemente exortado a trabalhar e a crescer nas questões que dizem respeito a sua salvação e conseqüente santificação, mas tendo sempre em vista o que o próprio Paulo escreveu em Gálatas 5, onde parte do fruto do Espírito é a alegria, significando que neste caminho de santificação temos como uma das características principais a alegria. Assim percebemos que nunca alcançaremos esta plenitude de santificação (plenitude dentro do que nos é possível alcançar nesta vida) se nossa busca pelo crescimento cristão for motivada pelo medo e pelas ameaças, no ambiente onde reinam o medo e as ameaças não é possível existir alegria!

Conclusão

As doutrinas da salvação e da santificação são estudadas desde os primórdios da era cristã. Observamos inclusive na Bíblia diversos tratados sobre o assunto que serviram de base para que teólogos e pensadores formatassem tais doutrinas. Assim quando estuda-se determinados períodos da história da igreja percebe-se sempre uma tentativa de se alcançar “favores” divinos por meio dos bons méritos humanos, porém este tipo de prática sempre foi denunciado por aqueles que se debruçaram sobre a Palavra de Deus para nela buscar esclarecimentos.

Quando nos deparamos com as confissões católica, luterana, calvinista, arminiana e wesleyana encontramos as doutrinas da salvação e da santificação ocupando cada uma o seu lugar. Mesmo naquelas em que, teoricamente, uma depende da outra como, como por exemplo, na visão católica em que as boas obras garantem a salvação, na arminiana onde a preservação da salvação é uma tônica, e na wesleyana onde encontramos o incentivo para se buscar a perfeição em vida; não se verifica um discurso coercivo no incentivo da busca por uma vida em santidade. Na visão católica, a progressão na santidade, que busca também a perfeição, deve ser sempre motivada pela esperança da salvação e animada pelo “*fervor da caridade*”. Na visão arminiana a santificação começa quando o princípio de pureza, isto é, o amor de Deus, é derramado no coração no ato do novo nascimento, porém a santificação completa é aquele ato do Espírito Santo pelo qual a alma justificada é feita santa. E a visão wesleyana, apesar de crer na possibilidade de se obter a perfeição em vida busca como motivação para santidade o amor a Cristo e ao seu sacrifício na cruz do Calvário, adicionando a esta motivação a nobre possibilidade de dar respostas as demandas sociais em decorrência de suas crises de valores, contudo apesar de sua crença na perfeição Wesley nunca ensinou uma salvação pela perfeição, mas dizia que “*santidade perfeita é aceitável a Deus somente através de Jesus Cristo*”.

A pregação moderna, contudo, utiliza a salvação como dispositivo para manipulação dos ouvintes. Usando-a como um ponto de contato ameaçador para se obter um povo que busque maior afinco uma vida de santificação – A salvação vira “*refém da santificação*”. Esta pregação também cria mecanismos de julgamento, observando características externas tangíveis para julgar valores internos que são intangíveis aos olhos humanos. Este procedimento que julga, também exclui pessoas da convivência de certas comunidades, uma

vez que todos isolam aquele que não possui tais características. Ninguém quer andar com alguém que não é “*santo*” ou que não se empenha o suficiente em sua busca pela santidade. Aos isolados o que resta é o trauma psicológico e inúmeras dúvidas nunca esclarecidas, viver desta forma se é difícil a solução encontrada muitas vezes é mudar de igreja, quiçá encontrem uma igreja sadia, do contrário o que temos observado é um contingente enorme de traumatizados que se encontram fora das igrejas dada a frustração de nunca se encaixarem nos padrões pré-estabelecidos por homens.

A intenção deste trabalho foi a de defender uma visão bíblica, madura e moderada, entendendo a necessidade da santidade e também da pregação que busca o incentivar os ouvintes para um viver santo. A santificação é de suma importância e tem seu lugar de destaque na vida dos crentes. Uma visão madura e bíblica deve ser a tônica da doutrina da santidade, aquela que compreende que a santidade existe a partir da salvação e que não é uma posição legal definitiva, como a justificação, mas sim uma obra progressiva, na qual cooperam juntos o crente e o Senhor por intermédio de Espírito Santo, assim sendo cada crente possui um nível diferente de santidade do outro, porém independente do nível em que se encontram no processo de santificação todos estão salvos. Neste caminho uns obtém mais sucesso que outros, muitas vezes o fator decisivo para este sucesso é o próprio discipulado bíblico que busca inculcar na vida do crente a necessidade de buscar uma vida santa pelas vias do amor, não acreditando em seus méritos próprios para obtenção e nem para preservação da salvação – o que invalida a graça de Deus.

Este é o conflito da pregação moderna em ambientes com doutrina e práticas pentecostais, conflito com o ensino bíblico, conflito com as bases teológicas do cristianismo, principalmente protestante.

Bibliografia

Livros:

1. KAYSER, Ilson (Ed.). *Martinho Lutero Obras Seleccionadas: Os Primórdios Escritos de 1517 a 1519*. 2. ed. Porto Alegre: Sinodal, 2004. 464 p.
2. GRUDEM, Wayne, *Teologia Sistemática Atual e Exaustiva*, ed. Vida Nova, São Paulo, 1999. 1046p.
3. GRUDEM, Wayne. *Entenda a Fé Cristã – Um Guia Acessível com 20 Questões que Todo Cristão Precisa Conhecer*, ed. Vida Nova, São Paulo, 2010. 191p.
4. HALLEY, Henry Hampton, *Manual Bíblico Halley*, ed. Vida Acadêmica, São Paulo, 2001. 895p.
5. MILLARD J. Erickson, *Introdução à Teologia Sistemática*, ed. Vida Nova, São Paulo, 1997. 540p.
6. BERKHOF, Louis, *Teologia Sistemática*, ed. Luz para o caminho, Campinas, 1990. 789p.
7. LANE, Tony, *Pensamento Cristão – Dos Primórdios à Idade Média. Volume 1*, ed. Abba Press, 3. Edição, 2003. 206p.
8. LANE, Tony, *Pensamento Cristão – Da Reforma a Modernidade. Volume 2*, ed. Abba Press, 3. Edição, 2003. 216p.
9. PETERSON, Eugene. *Um pastor Segundo o coração de Deus*. ed. Textus, Rio de Janeiro, Ano 2000. 182p.
10. RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego* ed. Vida Nova, São Paulo, Ano 1995. 639p.
11. CAMPOS, Heber C. A Justificação pela Fé nas Tradições Luterana e Reformada: Um Ensaio em Teologia Comparativa. *Revista Fides Reformata*, vol. 1, n. 2, 1996.
Disponível em: <http://www.scribd.com> Acesso em: 04/2010.

Sites:

1. CRISPIM, Claudio. A Regeneração Bíblica Comprada. Em:
http://www.ibiblia.net/calvino_arminio.htm. Acesso em: 11/2012.
2. PICIRILLI, Dr. Robert E. Calvinismo, Arminianismo e a Teologia da Salvação. Em:
http://www.arminianismo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=104

- [6:calvinismo-arminianismo-e-a-teologia-da-salvacao-palestra-um-calvinismo-versus-arminianismo&catid=224:robert-e-picirilli&Itemid=100026](#). Acesso em: 11/2012
3. BINNEY, Amos. Compendio de Teologia – A fé Salvador. Em:
http://www.arminianismo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1002:xi-a-fe-salvadora&catid=111:amos-binney-compendio-de-teologia-&Itemid=100030. Acesso em: 11/2012.
 4. WESLEY, John. A Salvação pela Fé. Em:
http://www.monergismo.com/textos/sermoes/salvacao_fe_wesley.htm. Acesso em: 11/2012.
 5. PORTELA, Solano, A Fé que Salva, In: <http://www.solanoportela.net>. Acesso em: 11/2012.
 6. CLOUD, David. Sobre duvidar da salvação e ter conflitos na vida cristã. Em:
<http://solascriptura-tt.org/Soteriologiaesantificacao> Acesso em 11/2012.
 7. TOPLADY, Augustus. O “deus” do Arminianismo. Em: <http://solascriptura-tt.org/Soteriologiaesantificacao>. Acesso em 11/2012.